



O FEMININO SEGUNDO G.H.: PSICANÁLISE E LITERATURA NA OBRA “A PAIXÃO SEGUNDO G.H.” DE CLARICE LISPECTOR

Mariana Magalhães Miranda¹

RESUMO: Tema recorrente nas letras de músicas, nas obras de arte, no cinema e na literatura, é possível tratar e ilustrar a sexualidade feminina de diferentes maneiras. A psicanálise, como uma ciência do particular, dedica boa parte de seus estudos ao feminino, bem como recebe importantes contribuições dele. Desse modo, pretende-se articular a obra de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*, com a perspectiva lacaniana sobre a mulher, a fim de investigar o amor como um semblante para a personagem G.H. Toma-se, como ponto de partida, a relação sustentável e permutável entre a literatura e psicanálise, como um saber que ensina à teoria psicanalítica. Portanto, o percurso traçado se orienta por fragmentos do romance que podem dialogar com contribuições psicanalíticas a respeito desse assunto. São trabalhados os conceitos de semblante, gozo, amor e feminino, a partir da protagonista do livro. Esse trabalho tem como objetivo ensinar as particularidades da relação entre o amor e os semblantes para o sujeito feminino.

PALAVRAS CHAVE: Semblante; Gozo; Objeto a; Amor; Feminino.

ABSTRACT: As a subject currently present in songs letters, in the arts, in the movies and in literature it is possible to study and illustrate the woman sexuality in many ways. Psychoanalysis, as a knowledge area dedicates much part of your studies to the feminim universe, as well as it receives importants contributions from it. In this context, this work has the objectif to join the romance of Clarice Lispector *A Paixão Segundo G.H.* with Lacan's conception about the woman. The connection between psychoanalysis and literarutere is taken as point of depar to this study. It is to consider that the literature as a knowing aerea can teach and ilustrate something that serves to psychoanalises studys. In that way, the work is about wich contributions the novel of Clarice Lispector can give to psychoanalises studys about the woman sexuality. The concepts of semblant/visage, enjoyment and love are explorated during the article taking as ilustration the main carachter, G.H.

KEYWORDS: Semblant; Enjoyment; Object a; Love; Feminine.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade feminina, objeto de estudo deste artigo, é uma questão a ser indagada pelas diversas áreas do conhecimento como religião, ciência ou arte. Tema recorrente nas obras de arte, na música, no cinema e na literatura, a sexualidade feminina é vista sob diferentes perspectivas que se colocam diante do possível e do impossível de se dizer sobre a mulher. Por sua vez, a literatura é um campo do conhecimento que se ocupa em nomear e descrever diversos tipos de mulheres.

Nesse artigo, é feito um estudo do livro de Clarice Lispector, *A Paixão segundo G.H.*, e em investigar as possíveis contribuições que ele pode trazer à psicanálise sobre a sexualidade feminina. Conhecida por sua escrita feminina e pela sua genuinidade em abordar o universo feminino, Clarice Lispector se preocupava em escrever sobre o “ser mulher” e as diversas faces que pode uma mulher ter. Seja em romances ou em crônicas publicadas em jornais, du-

¹ Psicóloga graduada em 2015 pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
mmagalhaesmiranda@gmail.com

rante a produção de seu trabalho literário, a escritora se preocupava com o lugar e o não lugar do feminino.

Na realização desta pesquisa fundamentei-me na relação possível entre dois campos do conhecimento que se interessam pelo mesmo tema: a sexualidade feminina. A literatura, como já mencionado, e a psicanálise lacaniana. Para a psicanálise a sexualidade feminina sempre apareceu como uma grande questão que moveu a construção da clínica psicanalítica até os dias de hoje. Desse modo, a direção dada a esse trabalho foi de nos perguntar o que poderia o texto de Clarice Lispector nos ensinar a respeito do feminino.

Dessa forma, neste artigo é feita uma revisão de alguns pontos específicos que se apresentam ao longo do romance. Os objetivos traçados foram localizar as faces de G.H., o gozo de G.H. no encontro com a barata, e o que a localizava como mulher antes de se deparar com o inseto para então pensar a relação de G.H. com os semblantes, dando ênfase ao amor, tal como é destacado no texto de Clarice Lispector.

Assim, seguindo a direção apontada por G.H. no início da história – o amor –, faço uma revisão de alguns autores lacanianos como Serge André, Jacques Alain Miller e Colette Soler – que destacam a função do amor como um semblante para uma mulher frente ao real do sujeito feminino. É também trabalhada a noção de gozo a partir do conceito de *Das Ding* em Freud e Lacan, quando a personagem se depara com o inseto.

2 G.H. ENTRE FACES: DO POSSÍVEL AO IMPOSSÍVEL DE SER DITO SOBRE O FEMININO

Publicado em 1964, *A Paixão Segundo G.H.* é considerado por importantes críticos literários como um dos grandes livros de Clarice Lispector. O livro, aparentemente, desenvolve-se a partir de um enredo banal: relata um encontro entre a personagem principal, G.H., e uma barata. Conta o enredo do romance que, em certa manhã, G.H. decide limpar seu apartamento e começa a faxina pelo quarto de sua empregada, Janair. Ao entrar no cômodo e abrir a porta do armário para limpá-lo, G.H. depara-se com um inseto, mas não um inseto qualquer, tampouco uma alucinação. O momento diante da barata se nomeia tal como um encontro para a personagem, por emergir dali algo apaixonante, fascinante, mas de certa maneira inexpressivo.

Ao longo do romance, Clarice Lispector marca com muita precisão o que a personagem chama de inexpressivo e desordem que tal visão havia provocado em sua vida. A personagem diz inúmeras vezes como aquele inseto a incomodara. Logo ela, que era uma mulher

tão organizada, havia se colocado diante de uma fragmentação humana. Clarice (1964/2009) escreve: “ Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida” (LISPECTOR, 2009, p. 11). A repetição desse estado de perplexidade da personagem na escrita de Clarice Lispector se destaca na articulação com o modo como G.H. se apresentava como mulher antes do encontro com a barata. Em alguns dos parágrafos do livro, a autora destaca o desespero da personagem diante do medo de ser e de sofrer uma fragmentação humana, tal como nomeia:

Como é que se explica que meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? E no entanto, não há outro caminho. Como se explica, explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? (LISPECTOR, 2009, p.11)

O medo de ser é aquilo que coloca G.H. frente à queda de suas faces, à desorganização e ao conflito existencial que emergem do encontro com a barata. Em um primeiro momento, que antecede esse evento, G.H. narra: “Naquela manhã, antes de entrar no quarto, o que era eu? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia. Não sei dizer o que eu era. Mas quero ao menos me lembrar: que estava eu fazendo? ” (LISPECTOR, 2009, p.23).

É nesse momento do romance que as faces de G.H. são apresentadas ao leitor. G.H era uma escultora que mantinha sua vida organizada e fazia da perspectiva dos outros o seu jeito de se apresentar. Vemos, no romance, que é a partir de um cenário vivo convocado pela personagem que ela revela a face que mais nos interessa nesse trabalho, a do amor. Ela conta, ao fazer bolinhas miúdas de miolo de pão, que se lembrara que sua última e tranquila relação amorosa dissolvera-se amistosamente como um afago, com o qual ela ganhava ligeiramente o gosto insípido e feliz da liberdade. Sendo assim, seria possível pensar o fim de um relacionamento amoroso como um evento associado e que antecede à experiência enigmática que G.H. vivência com a barata. De maneira que, ao podemos pensar o amor como um semblante que se fazia presente nessa relação amorosa e que organizava a personagem em seu modo de ser até o encontro enigmático e fragmentário com a barata.

É logo depois de narrar a queda da face do amor que G.H. entra no mais particular que ela sabe de si mesma. A personagem se vê retratada como um abismo, um nada, um enigma. Ela chega a dizer:

Mas- como era antes o meu silêncio, é o que não sei e nunca soube. Às vezes, olhando um instantâneo tirado na praia ou numa festa, percebia com leve apreensão irônica o que aquele rosto sorridente e escurecido me revelava: um silêncio. Um silêncio e um destino que me escapavam, eu fragmento hieroglífico de um império

morto ou vivo. Ao olhar o retrato eu via o mistério. Não. Vou perder o resto do medo do mau gosto, vou começar meu exercício de coragem, saber que se vive é a coragem - e vou dizer que na minha fotografia eu via o Mistério (LISPECTOR, 2009, p. 23).

Essa visão retratada do mistério de G.H. nos convida a pensar no campo que faz fronteira entre literatura e psicanálise, o do enigmático, do feminino. Ao tratar do feminino, Clarice Lispector é um tanto quanto genuína. Ela dedicou-se a escrever sobre mulheres e dar diferentes nomes a cada uma delas. Rosenbaum (2002) descreve o estilo da escritora como lírico, mágico, feminino e introspectivo. Tomemos como referência os estudos de Castello Branco e Brandão (1999) que apregoam que uma escrita feminina é aquela que tenta denunciar o que é indizível, o enigmático através de palavras.

No que se refere aos estudos acerca da sexualidade feminina, esse sempre foi um ponto de partida e enigma para a psicanálise, inclusive para a criação da clínica psicanalítica, a partir das históricas tratadas por Freud. Como médico, Freud, a princípio, sustentou o funcionamento do aparelho psíquico a partir das diferenças sexuais e anatômicas entre os sexos. No entanto, ao longo de seus estudos, ele apregoa, no que diz respeito às diferenças entre meninos e meninas, que o pênis, como um representante fálico no aparelho psíquico, é aquilo que denuncia a diferença entre os sexos.

Em 1925, no artigo *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, Freud observa que, diferentemente do menino, a menina vivencia o complexo de Édipo já castrada, enquanto o menino enfrenta uma angústia de castração ao entrar no Édipo. Ao contrário do menino, a menina tem que enfrentar muitas mudanças em sua vida psíquica. O abandono do clitóris como órgão de satisfação sexual e a mudança do objeto de amor são importantes no desenvolvimento da menina.

Freud (1925/2011) aponta que, a partir do reconhecimento de que não possui o pênis (representante fálico) e não pode recebê-lo de sua mãe, porque ela também não o possui, surge na menina o sentimento de inveja do pênis, *penisneid*. Assim, ao mesmo tempo em que a garota passa a ter inveja do pênis, ela desloca para o pai todo o afeto que tinha pela mãe. Freud (1925/2011) esclarece que, em virtude dessa inveja, a menina tem desejos de ter um filho de seu pai, para assim obter o falo que não lhe foi dado pela mãe.

Esse desejo incestuoso de ter um filho de seu pai seria o caminho para a feminilidade trabalhado por Freud em 1933 na conferência *A Feminilidade*. Ele propõe a maternidade como um modo de a mulher se inscrever no lado fálico e se realizar como mulher. Entretanto,

mesmo quando colocou a maternidade como uma saída para o que é ser uma mulher, Freud (1933/2010) ainda se mostrou insatisfeito com relação a essa pesquisa, quando admite:

Isso é tudo que eu tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente é incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável. Mas não esqueçam que retratamos a mulher apenas na medida em que seu ser é determinado pela sua função sexual. Tal influência vai muito longe, é verdade, mas não perdemos de vista que uma mulher há de ser também um indivíduo humano em *outros aspectos*. Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos *escritores*, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informação mais profunda e coerente. (FREUD, 1933/2010, p. 293, grifos meus).

Dessa maneira, vemos que Freud (1933/2010) esclarece as dificuldades que encontrou nos estudos sobre o feminino e já nos aponta algumas direções que poderiam contribuir para os estudos sobre a feminilidade, sendo a literatura uma delas. A psicanálise lacaniana, por sua vez, é uma vertente que desenvolveu importantes contribuições a respeito do feminino e é nela que irei me deter ao longo desse artigo.

Partindo dos ensinamentos de Lacan, podemos chegar próximos da dimensão do “nada” que habita e faz jus à condição de existência da mulher, tal como ilustra Clarice Lispector com sua personagem G.H. Na década de 1950, Lacan relê o discurso freudiano a partir da relação do sujeito com o Outro na linguagem, na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo. Em um de seus trabalhos, *A significação do falo*, Lacan (1958) aborda o falo na relação da criança com o outro, na qual a criança acredita ser o falo para a mãe. Ele postula que para que a criança possa surgir como um sujeito é necessário que haja um deslocamento de ser para ter o falo. Esse movimento, conta Lacan (1958), é mediado pela metáfora paterna que coloca dúvidas em relação ao Desejo da mãe para criança. Lacan nos adverte então que é necessária a intervenção da metáfora paterna para ressignificar, para a criança, o Desejo da mãe em relação à divisão mãe/mulher, impossível de ser decifrada quando se trata da feminina.

Vemos com Lacan a importância da metáfora paterna como aquilo que orienta o sujeito na sua relação com o desejo e com o gozo na dialética do falo. Serge André (1986), ao reler essa preposição de Lacan, sustenta que haveria para a menina algo na relação com o Outro que caduca pela intervenção paterna e que o Pai não se posiciona verdadeiramente como metáfora para a menina. Lacan formaliza essa ideia em *O seminário, livro 20: Mais ainda* a partir do matema da sexuação, no qual define a posição feminina e a posição masculina. Assim, ele apregoa que, do lado do homem, há um homem ao qual a função fálica não se submete, sendo este aquele que não é castrado e que vem, portanto, na função do pai. Já em relação à mulher,

o que fica conferido é que não existe sujeito para o qual a função fálica não funcione. Assim, não há um representante do lado feminino do que é fálico, pois nenhuma mulher escapa à castração. É a partir disso que Lacan irá elucidar a saída ao impasse do Édipo feminino com a seguinte frase: “A mulher não existe”.

Dizer que “A mulher não existe” é concluir que as mulheres formam senão um conjunto aberto, e por isso devem ser tratadas no “uma a uma”, cada qual com seu jeito de se apresentar, ora do lado fálico, ora do lado não todo fálico, com suas particularidades de gozo para canalizar algo do real colocado ao sujeito feminino. A inscrição da mulher em um lugar “não todo” nos aproxima da dimensão do “nada” que G.H. ilustra. Miller (2010) afirma o quão íntima é a relação entre mulheres e o nada, e que onde existe um lugar essencialmente vazio, é possível aparecerem máscaras do nada, máscaras que clareiam a relação entre mulheres e semblantes.

Voltemos então a G.H., uma mulher que descreve como o nada, um abismo que nela habita e um lugar onde ela existe como *uma* mulher. Em uma das passagens do livro, podemos localizar a articulação entre as faces de G.H. e o nada, quando ela diz:

Ajo como o que se chama de pessoa realizada. Ter feito escultura durante um tempo indeterminado e intermitente também me dava um passado e um presente que fazia com que os outros me situassem: a mim se referem como a alguém que faz esculturas que não seriam más se tivesse havido menos amadorismo. Para uma mulher essa reputação é socialmente muito, e situou-me, tanto para os outros como para mim mesma, numa zona que socialmente fica entre mulher e homem. O que me deixava muito mais livre para ser mulher, já que eu não me ocupava formalmente em sê-lo (LISPECTOR, 2009, p. 25).

Essa face que G.H. nos apresenta e a liberdade para ser mulher sem se ocupar em formalmente sê-lo remete-nos ao que Miller (2010) diz sobre a relação essencial das mulheres com o nada, onde dali emergem os semblantes. Semblantes que são usados, como pontua muito bem G.H. para auxiliar uma mulher a viver, se organizar diante do que não lhe foi representado e do real da diferença dos sexos que se coloca para todo sujeito falante. Dentre os semblantes que norteiam a vida de G.H., ela menciona o de escultora extremamente organizada e que se ocupava em ser conforme o olhar do outro. Descrita como uma mulher independente e que não conhecia o papel de homem ou de mulher e, portanto, oscilava entre as duas posições (feminina e masculina) a personagem não se preocupava em ser formalmente homem ou mulher. Ao ler o romance de Clarice Lispector, podemos perceber como o que envolve a personagem na narrativa é a questão dos semblantes, e principalmente do ser, que escapa a linguagem.

No romance de Clarice Lispector, vemos que o semblante funciona para G.H. até um certo momento, o encontro com a barata. Há algo que antecede esse encontro e que podemos pensar aqui que coloca a personagem diante de algo insuportável, que ela nomeia como “fragmentado”, “desumano” e “sem ordem”. Havia para G.H. um semblante que cumpria a função de uma letra, como aponta Fuentes (2003) ao ler Lacan: “A metáfora da letra como 'litoral' explora essa dimensão possível se a letra cumprir também sua função de cavar um sulco no real e se alojar o gozo” (FUENTES, 2003, p.146). Assim, a letra, bem como um semblante, cumpre uma função que dá lugar para que o sujeito possa se localizar na diferença entre os sexos. E responder a isso, com sua máscara, ou melhor, a cada qual com sua face. E a letra realiza não só a função de velar o nada, mas também de drenar um gozo, um gozo de cada sujeito ao tentar responder à questão colocada pela diferença dos sexos.

Como consequência, ao caírem os semblantes esse gozo, que estava alojado, transborda, escapa e o sujeito se vê diante do real, da coisa que G.H. no romance nomeia como “inexpressivo”, “desumano” e “vazio”. Amaral (2003) descreve o romance de Clarice Lispector da seguinte maneira: “ Em *PSGH* a realidade do ser é recoberta pela imagem, pelo invólucro, pela máscara, que, como uma moldura, a protege do estado indiferenciado da matéria viva. ” (AMARAL, 2005, p.31). Nesse sentido, revisitar o que é a matéria viva, esse encontro com o inexpressivo para G.H., nos leva a pensar no encontro com *a coisa*, *Das Ding* para a psicanálise lacaniana.

3 G.H. E A BARATA: UM GOZO COM A COISA E O VIVO?

Ao nomear o encontro com a barata como “ inexpressivo”, G.H. abre possibilidades novamente para pensarmos de que se tratava esse encontro para a psicanálise. O trabalho de Freud em 1895 *O projeto para uma psicologia científica*, permite explorar o conceito de *das Ding*, posteriormente tratado por Lacan para compreender o nome o qual G.H. dá ao encontro com a barata e do que se tratava essa experiência. Escrito como uma tentativa de formular o aparelho psíquico a partir de mecanismos fisiológicos e mecanicistas, Freud (1985) faz uso de termos como memória, pensamento e percepção para explicar a causa dos sintomas histéricos.

Nessa dinâmica, Freud (1895/1975) descreve o funcionamento do aparelho psíquico a partir do escoamento de energia, que gera prazer. Aponta que só é possível a descarga de prazer a partir de uma ação específica marcada pela presença de um Outro que, ao atender as demandas do bebê, deixa uma marca de satisfação. Ele explica que essa “marca” de satisfação será buscada pelo sujeito ao longo de sua vida, embora jamais a reencontre. Ainda assim, des-

taca que nessas tentativas de reencontro serão ativadas *imagens – lembranças e imagens, percepções* distorcidas, representadas por neurônios b e c.

Freud destaca a atuação de um outro neurônio que se repete na busca por prazer. O neurônio *a*, o qual irá chamar de *Das Ding*. Ele o descreve como aquele que move o desejo pela experiência de prazer e pelo reencontro com um traço de satisfação. Embora se repita incansavelmente a cada experiência do sujeito, Freud (1895) percebe que esse neurônio não se associa com nenhum dos outros neurônios (b e c). Assim, interessa-nos essa peculiaridade do conceito de *Das Ding* em Freud: é a coisa que marca um traço de satisfação anterior que se deseja reencontrar, mas que, simultaneamente, escapa a qualquer tipo de representação, pois permanece isolado da cadeia associativa do pensamento, da memória e da consciência.

Lacan (1959-60/2008), ao retomar o conceito de *Das Ding* em *O seminário livro 7: sobre a ética da psicanálise*, toma-o a partir do inconsciente como linguagem. Ele nos diz que *Das Ding* é, inicialmente, traumático para o sujeito por aparecer via um Outro que atende às urgências do bebê, mas lhe é tomado como estranho e hostil. Assim, ao tempo que *Das Ding* deixa a incisão de algo traumático para o sujeito, ele marca também um traço de prazer. No entanto, Lacan nos adverte para o fato de que *a coisa* nunca é reencontrada: por mais que o sujeito repita experiências de prazer aquele traço de satisfação não se repete.

A *coisa* reside no que Lacan (1959-60) chama de extimidade, em que *Das Ding* se localiza fora e dentro do campo das representações. Desse modo a coisa se apresenta para a psicanálise lacaniana, nesse estudo, em duas perspectivas: tanto como aquilo que causa o desejo do sujeito como aquele que se encontra fora da cadeia significante, impossível de ser representado e no qual reside o vazio constituinte do sujeito. Ao tomar *Das Ding* como algo que se apresenta de forma paradoxal, Lacan afirma: “*Das Ding* é, originalmente, o que chamaremos de fora-do-significado. É em função desse fora-do-significado e de uma relação patética a ele que o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque” (LACAN, 1959-1960/2008b, p. 70).

É a partir da leitura freudiana e lacaniana sobre *Das Ding, a coisa*, que podemos pensar a relação de G.H. com a barata. A personagem se refere à barata, inúmeras vezes ao longo da obra. E é ao degustá-la que ela sentia o gosto do inexpressivo, do nada e do que é anterior a qualquer organização humana. Ela se deparava, ao comer a barata, com o inexprimível do humano:

[...] E agora sentia o gosto do nada. Velozmente eu me desviciava, e o gosto era novo como o do leite materno que só tem gosto para boca de criança. Com o desmoroamento de minha civilização e minha humanidade – o que me era um sofrimento de

grande saudade- com a perda da humanidade eu passava orgiacamente a sentir o gosto da identidade das coisas (LISPECTOR, 2009, p. 102).

Ao dizer de um “gosto da identidade das coisas”, G.H. se refere a algo que lhe serve de algum modo, ao entrar em contato com o mundo desumano – termo “desumano” que pode, por outro lado, ser o que há de mais humano no homem: a condição da falta, do que escapa ao sentido. E, logo, o “gosto” pelo que é vivo, pela matéria viva da barata, nos remete ao que Lacan (2008a) diz sobre o gozo no encontro com *a coisa*: De uma satisfação que não é plena, mas que liga o sujeito àquele objeto real que o toma em uma experiência singular e enigmática, tal como a de G.H com a barata:

Meu amor, é assim como o mais insípido néctar- é como o ar que em si mesmo não tem cheiro. Até então meus sentimentos viciados estavam mudos para o gosto das coisas. Mas a minha mais arcaica e demoníaca das sedes me havia levado subterraneamente a desmoronar todas as construções. A sede pecaminosa me guiava- e agora eu sei que sentir o gosto desse quase nada é a alegria secreta dos deuses. É um nada que é o Deus – e que não tem gosto. (LISPECTOR, 2009, p. 102).

Em *A Paixão Segundo G.H.* são vários os elementos que nos convidam a pensar as possíveis associações entre psicanálise e literatura. Até o momento, temos uma personagem que, ao deparar-se com *a coisa*, *a matéria viva*, desfaz-se de todas as faces que, até então, a sustentavam e passa, portanto, a servir-se de algo nesse encontro. Isso mantém G.H dentro de um lugar descrito por Clarice Lispector como *paixão*. Apesar da nomenclatura *paixão* usada pela autora, percebe-se que, em muitos momentos da obra, a personagem faz referência ao *amor*, antes e depois do encontro com a barata, amor como algo que se renova continuamente. Ela diz:

Ah, meu amor, não tenhas medo da carência: ela é o nosso destino maior. O amor é tão mais fatal do que eu havia pensado, o amor é tão inerente quanto a própria carência, e nós somos garantidos por uma necessidade que se renovará continuamente. O amor já está, está sempre. Falta apenas o golpe de graça- que se chama paixão. (LISPECTOR, 2009, p. 170).

Quando G.H. narra sua experiência com a barata, surge o amor, antes e depois da experiência com o inseto. Contudo, há o que a personagem chama de *paixão* e que dá título ao romance de Clarice Lispector. Afinal, o que era o amor para G.H. antes e depois de encontrar com a barata? Qual lugar pode o amor ocupar para o sujeito feminino?

4 CONEXÕES ENTRE AMOR E SEMBLANTES: G.H. E UM LUGAR PARA O ENIGMA FEMININO

Ao longo do romance, Clarice Lispector não deixa de destacar a presença do amor na vida de G.H.. Em alguns momentos, descreve-o como uma terceira perna para a personagem e aquilo que era a ela possível nomear. Em um dos primeiros trechos do livro, G.H. diz:

Teria sido o amor o que vi? Mais que amor é esse tão cego como o de uma célula-ovo? Foi isso? Aquele horror, isso era amor? Amor tão neutro que – não, não quero ainda me falar, falar agora seria precipitar um sentido como quem depressa se imobiliza na segurança paralisadora de uma terceira perna. (LISPECTOR, 2009, p.18).

Em momentos decorrentes do susto que a visão da *coisa* lhe ocasionara, a personagem fala de um abismo entre o que era o amor e a palavra amor para ela, até então. O encontro com a barata nos leva a pensar em uma desconexão com o amor, enquanto semblante para a personagem. É ao vivenciar uma experiência desumana, e uma desorganização que a coloca diante da coisa, que G.H. se apresenta devastada pelo campo do enigmático. No livro, Clarice escreve:

- Juro que é assim o amor. Eu sei, só porque estive sentada ali estava sabendo. Somente à luz da barata, é que sei que tudo o que nós dois tivemos antes já era amor. Foi preciso a barata me doer tanto como se me arrancassem as unhas – e então não suportei mais a tortura e confessei, estou delatando. Não suportei mais e estou confessando que já sabia de uma verdade nunca teve utilidade e aplicação, e que eu tenho medo de aplicar, pois não sou adulta bastante para saber usar uma verdade sem me destruir. (LISPECTOR, 2009, p. 18).

No entanto, G.H. se pergunta, de início, se o amor não seria uma terceira perna, atribuindo-lhe uma função diante do real. Em alguns momentos do romance, o lugar do amor como um nome e uma terceira perna destaca-se na descrição que a personagem faz diante do real do encontro com a barata. Vejamos:

Mas agora sei de algo horrível: sei o que é precisar, precisar, precisar, E é um precisar novo, num plano que só posso chamar de neutro e terrível. É um precisar sem nenhuma piedade pelo meu precisar e sem piedade pelo precisar da barata. Estava sentada quieta, suando, exatamente como agora- e vejo que há alguma coisa mais séria e mais fatal e mais núcleo do que tudo o que eu costumava chamar por nomes. Eu que chamava de amor a minha esperança de amor. (LISPECTOR, 2009, p. 87).

O que G.H. vivencia ao se deparar com a barata não se tratava do amor como uma terceira perna, mas de uma experiência que emerge algo do real. Mas, ao experimentar isso, a

personagem traz um elemento que amarra o amor no romance de Clarice Lispector em dois pontos: ela diz que ao ver a barata lembrara-se de alguém:

Lembrei-me de ti, quando beijara teu rosto de homem, devagar, devagar beijara, e quando chegara o momento de beijar teus olhos- lembrei-me de que então eu havia sentido o sal na minha boca, e que o sal de lágrimas nos teus olhos era o meu amor por ti, mas o que me havia ligado em susto de amor, fora, no fundo do fundo do sal, tua substância insossa e inocente e infantil : ao meu beijo tua vida mais profundamente insípida me era dada, e beijar teu rosto era insosso e ocupado trabalho paciente de amor, era mulher tecendo um homem, assim me havias tecido, neutro artesano da vida. (LISPECTOR, 2009, p. 88).

A partir disso podemos pensar que o que se passa entre G.H. e a barata ao longo do romance faz com que ela se lembre de uma das possibilidades de se inscrever como mulher, no encontro amoroso. Tomando o amor como um lugar possível para se fazer mulher, é possível pensar novamente na hipótese de uma dissolução amorosa que tenha antecedido o encontro com a barata, e ocasionado a queda das faces de G.H.

O amor como uma saída para o enigma feminino e uma possibilidade de ser mulher é para G.H. o que ela se “serve de “ para lidar com o nada. Nessa dimensão, teríamos o amor como um semblante, “uma terceira perna” que sustentaria a personagem diante do real do feminino? A psicanálise lacaniana propõe outras saídas que não a maternidade diante do enigma do feminino, sendo o amor uma delas. No amor, segundo André (1986), no lugar do significante que falta à feminilidade, há espaço para o lugar de um sujeito suposto pelo seu parceiro. No encontro amoroso, há para a mulher a possibilidade de ser representada por um significante para outro significante. Assim, é possível escolher “ser” no amor e se apresentar como mulher.

O amor é um tema estudado em todas as áreas de conhecimento humano e, em quase todas elas, nos remete a um desconhecimento sobre o que ele, realmente, é. André (1986), ao retomar *O Banquete de Platão*,² fala de maneira bem peculiar sobre esse paradoxo com o qual nos deparamos, quando tentamos definir o amor. Ele diz:

Tentar falar do amor arrisca, pois, reduzir-se a dizer qualquer coisa; o princípio da não contradição parece valer neste assunto. De fato, quando se fala do amor, não se sabe do que se fala e quanto mais se fala dele, menos se sabe a seu respeito. Tal é a primeira lição a se tirar do banquete de Platão. (ANDRÉ, 1986/ 2011, p. 304).

Embora seja redundante procurar a conceituação concreta de amor, podemos, a partir da leitura de Lacan (1972-73/2008a), no *Seminário 20: Mais, ainda*, localizar algumas peculi-

² O Banquete de Platão é um livro, do filósofo grego Platão elaborado a partir do debate entre filósofos da Grécia antiga acerca do Eros (amor) e do Philia (amizade).

aridades de onde se pode dizer sobre o amor e como encontrá-lo nos registros *do simbólico*³, *do imaginário e do real*.⁴ André (1986) nos ajuda a fazer essa leitura, ao dizer que, no plano imaginário, o amor se inscreve na identificação com o semelhante, tratando-se de um amor narcísico, por natureza. No que concerne o plano simbólico, o amor estaria aí intimamente atrelado à linguagem, mais propriamente ao significante, que provém da fala do Outro e que, portanto, localiza o sujeito como ser, ali, onde ele não o é. No plano real, o amor se reduz à relação com o Outro na fantasia, sem mediação, sem um saber sobre ele. Há nesse campo um amor que se apresenta na relação direta do sujeito com *o objeto a*, na fantasia.

Quando André (1986) explica a localização do amor, em cada um desses registros, ele ressalta, então, todo o trabalho de Lacan em *O Seminário 20: Mais, ainda*, ao tratar do amor como aquilo que pode amarrar esses três registros. Ele pondera:

Essa triplicidade se reencontra em Lacan: ao longo do Seminário Mais, ainda, é bem nessas três vertentes do imaginário da identificação, do simbólico do significante mestre e do real do objeto que ele tenta situar o amor e o semblante que rege seu processo. Pois em cada um desses três registros- imaginário- simbólico e real- o amor visa ao Outro, mas nunca atinge senão um semblante ao qual tenta dar consistência. O amor procura cercar o ser do Outro, cuja divisão do gozo revelou uma falha. Por essa exigência do ser ele é ligado à ontologia, observa Lacan. Mas deste ser, o amor, de fato, não realiza nunca senão um semblante de ser. (ANDRÉ, 2011, p. 297).

Assim, André (1986) diz que o amor procura cercar o ser, dar lugar ao ser de um modo mais próximo ao simbólico. Pode ser encontrado, ao ler em Lacan, o amor em paralelo com o que escapa da linguagem, *o objeto a*, que não existe, como abordado no segundo capítulo, mas que, no entanto, como aquele que, ao mesmo tempo, cumpre a função de velar esse encontro impossível entre um homem e uma mulher. Lacan escreve:

O amor há muito tempo em que se fala disso. Será que preciso acentuar que ele está no coração do discurso filosófico? Está aí com certeza o que nos deve pôr em guarda. Da última vez, fiz vocês entreverem o discurso filosófico como uma variante do discurso do Senhor. Pude igualmente dizer que o amor visa ao ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa – o ser que, por um pouco mais, ia ser ou, o ser que, justamente por ser, fez surpresa. E pude acrescentar que esse ser é talvez muito próximo do significante *sê-lo*, é talvez o ser no comando, e que aí há o mais estranho dos logros. (LACAN, 1972-73/2008a, p. 45).

³ Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização.

⁴ Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar.

A partir dessa condição do ser que escapa à representação na linguagem, podemos pensar que existe uma conexão sustentável entre o amor, o real, semblantes e mulheres. Partimos da hipótese de André (1986) do amor como uma forma de fazer contorno ao que não existe para a mulher, um representante feminino. O amor é um semblante que, além de fazer borda no real da diferença entre os sexos, dá um lugar à uma mulher na partilha dos sexos.

Caldas (2008) dá ênfase ao amor como função de fornecer um tratamento possível para o real. Nesse sentido, a autora explica que o amor como semblante é aquilo que atrela o desejo ao gozo do sujeito, ao gozo “um” de cada mulher. Essa conexão entre desejo e gozo contorna, em parte, o nada, o real, tanto em homens como em mulheres. No entanto, ao vermos que a mulher tem uma relação mais íntima com o nada, em sua condição de existência, podemos dizer que o amor como semblante lhes serve como uma espécie de “GPS”, na relação com o outro sexo. Mas como isso ocorreria?

Associar o desejo ao gozo “um” implica um certo estatuto que uma mulher ocupe para um homem, aquele suposto do desejo do parceiro, o de objeto *causa de desejo, o objeto a*, segundo Soler (2003), e, ao mesmo tempo, o lugar de um sujeito dividido, castrado e que reconhece sua falta a ter, o que possibilita um jogo com a questão do “ser”. Assim, Soler (2003) escreve a respeito da identificação pelo amor:

Em outras palavras, na impossibilidade de ser *A mulher*, resta ser uma mulher, a eleita de um homem. Ela toma - o que ela é, a partir do momento em que é um ser falante, sujeito do falicismo – mas ser além disso, identificada como uma mulher escolhida. Assim, é compreensível que as mulheres, históricas, ou não, mais que homens amem o amor. (SOLER, 2003, p. 57).

Miller (2010) também traz, de forma muito clara, o lugar do “ser” que a mulher ocupa na relação amorosa privilegiado por sua posição na dialética fálica. Ele diz: “Uma mulher que se constitui do lado do ser o falo, assume sua falta a tê-lo. É a partir do reconhecimento de sua falta a ter, que consegue ser o falo, o que falta aos homens” (MILLER, 2010, p. 11). Portanto, ser o falo para um homem permite à mulher jogar com máscaras nesse lugar, localizar-se como sujeito castrado e como objeto de desejo do parceiro.

A partir dessa lógica, voltemos ao romance de Clarice Lispector e à nossa figura feminina, G.H. O amor para a personagem, como vimos anteriormente, aparece como um semblante que a localizava como mulher, no encontro com um homem. A personagem diz que foi somente a partir da visualização do inexpressivo, da barata, que ela soube o que era o amor numa relação anterior. Ela diz:

- Juro que é assim o amor, eu sei, só porque estive sentada ali e estava sabendo. Somente à luz da barata, é que sei que tudo o que nós dois tivemos antes já era amor. Foi preciso a barata me doer tanto como se me arrancassem as unhas e então não suportei mais a tortura e confessei, estou deletando. Não suportei mais e estou confessando que já sabia de uma verdade que nunca teve utilidade e aplicação, e que eu teria medo de aplicar, pois não sou adulta o bastante para saber usar uma verdade sem me destruir. (LISPECTOR, 2009, p. 115).

Ao dizer que a barata lhe provocara dor e só assim G.H. percebeu que já havia experimentado o que era o amor, fica mais evidente a que função se prestava esse relacionamento anterior. Diante da dor, do inexpressivo, e após aquela dissolução amorosa, G.H. se reconhece como uma mulher, perde o contorno do que a fazia uma escultora, uma mulher organizada. O amor fora como um semblante que sustentava uma máscara para essa mulher. Vemos que o amor como semblante é aquele amor que Lacan (1972-73/2008a) aproxima da função do significante. Situado no registro do simbólico, o amor, então, localiza a mulher em uma condição feminina, assim como G.H. se encontrava, para além das marcas iniciais de seu nome nas valises.

Já o amor no registro real fica sem limites, tal como a paixão segundo G.H. e dando a ela uma desorientação em sua condição de ser. No Livro, G.H. se depara com esse amor, com esse vácuo de sentidos, essa ausência de algo da ordem do simbólico que a localize como mulher. No entanto, deixa rastros e pistas de *um* lugar do qual ela respondia como uma mulher, o amor. Por fim, e bem a propósito, podemos concluir que o amor serve a G.H. como uma suplência ao significante faltoso ao sujeito feminino, embora por outro lado denuncie, quando dissolvida uma relação amorosa, a ausência desse significante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar o feminino em *A Paixão segundo G.H* é mais que um estudo teórico das contribuições da psicanálise. Trata-se de poder enxergar com outras “lentes” o mistério por trás de uma mulher ilustrada por Clarice. A direção desse trabalho mostra claramente como a aproximação do que quer que seja que se deseje aproximar se faz atravessando o oposto daquilo que se quer aproximar. O ponto de partida dessa pesquisa não foi a teoria psicanalítica, mas sim a personagem G.H, presente na literatura de Clarice Lispector. Foi ao atravessar o que G.H. pode nos ensinar como uma mulher que se tornou possível dialogar com a psicanálise, no que ela tem a contribuir sobre a relação entre semblantes e amor.

A ideia do amor como um semblante difere de outros semblantes que não foram tratados nesta pesquisa. Existem outros semblantes, propostos por Lacan dos quais uma mulher pode fazer uso, tais como o da mascarada, em que uma mulher se veste de máscaras femininas para se proteger da falta do significante feminino, em consentimento com sua condição não toda. Outro semblante possível é o da criação, que estaria mais próximo do que fazem os escritores ao denunciarem um vazio com a presença de um significante, ou seja, o uso de um significante em decorrência da ausência de um outro significante.

Já o amor enquanto semblante permite a uma mulher localizar-se em um lugar diante do enigma feminino – onde ela não é, o amor permite que ela possa ser. Vemos ao longo desse estudo que a função do amor é dupla para a mulher: ele pacifica seu ser em falta de um significante e oferece alguma inscrição para que ela possa se nomear como uma mulher diante do real do feminino. Além disso o amor, por sua condição de falta, permite uma dialética com a lei. Ao mesmo tempo em que ele se opõe a lei, ele opera com ela, assim como podemos ler no mito de Totem e Tabu, em que pela castração em comum os filhos designam o pai como fora da lei, no entanto não há fora da lei imaginável se não em relação à Lei, assim, podemos pensar que a lei está no fundamento do amor, da mesma maneira que é originária do mesmo.

É relevante também destacarmos o aspecto efêmero do amor. Assim como ele pode exercer a função de nomeação para uma mulher, ele é contingencial e pode vir a dissolver. O amor não oferece garantias a nenhum ser humano, ele não é definitivo e está sujeito ao acaso. G.H. nos ensina essas duas faces do amor. Primeiro, o amor como um semblante que a nomeava como mulher, e depois uma dissolução amorosa que antecede o confronto com a barata. Ali, no momento em que G.H., como uma mulher, perde seu lado humano. Assim, a personagem G.H. ilustra a presença e a ausência do amor como um semblante em sua vida.

Até aqui o trabalho feito foi de um breve recorte do amor como um semblante para uma mulher. No entanto, é importante destacar a relevância desse tema para a psicanálise. Não foi aprofundado aqui o modo de inscrição da mulher no amor, ou a relação do amor com o desejo e o gozo para o sujeito feminino, e como esse se articula nas parcerias amorosas. Com Lacan vemos a distinção de dois modos de gozar onde podem um homem e uma mulher oscilar entre a posição masculina (fálica) e a posição feminina (não toda fálica), e assim como ambos se apresentam nas parcerias amorosas ilustradas na clínica, bem como na literatura, cinema e outras áreas. Essas são questões que podem ser estudadas e respondidas a partir das referências de Freud e Lacan, e levantadas em função do que esse trabalho ensina, o amor e sua função de semblante para a mulher.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília. **O leitor segundo G.H.:** uma análise do romance A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector. Cotia, SP: Ateliê, 2005. 184p.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Tradução: Dulce Duque Estrada. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 347 p.
- BESSA, Graciela. **Feminino:** um conjunto aberto ao infinito. Belo Horizonte: Scritum Livros, 2012. 160 p.
- CALDAS, Heloisa. **O amor nosso de cada dia.** Latusa impressa. 2008, 13. ed.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. 222p.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literaterras:** as bordas do corpo literário. São Paulo: Annablume, 1995 (Col. E; 4).180 p.
- FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos in: **Obras completas, volume 16 O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925).** (1925) – Tradução Paulo César De Souza – São Paulo: Companhia Das Letras, 2011. 289-299p.
- FREUD, Sigmund. A feminilidade in: **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936).** (1933) – Tradução Paulo César De Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 263-293p.
- FREUD, Sigmund, Escritores e a fantasia in: **O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909).** (1908). São Paulo: Companhia Das Letras, 2015. 326-338p.
- FREUD, Sigmund, **Projeto para uma psicologia científica.** (1955 [1895]), Rio de Janeiro: Imago, 1975.147p.
- LACAN, Jacques, 1958. A significação do falo in: **Escritos/ Jacques Lacan.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 937p.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20: mais ainda,** (1972-1973) / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alan Miller; [versão brasileira de M.D. Magno]. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.157 p.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 7: a ética da psicanálise,** 1959-1960/ Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Allan Miller; [versão brasileira Antônio Quinet],- Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. 387 p.
- LAROUSSE. **Dictionnaire Larousse Poche 2012.** Paris, França: Larousse, 2011.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009. 179 p.

MILLER, Jacques-Alain. Mulheres e semblantes II. **Opção Lacaniana online nova série**, Ano 1, n.1, p. 1 – 25, mar. 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

ROSENBAUM, Youdith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002 (Col. Folha explica). 103p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 245 p.